



A CENTRALIDADE REGIONAL DO MUNICÍPIO DE ITABAIANA NA COMERCIALIZAÇÃO AGRÍCOLA DE SERGIPE¹

Diana Mendonça de Carvalho²
José Eloízio da Costa³

RESUMO

A centralidade regional do município de Itabaiana/SE é vislumbrada na forte comercialização agrícola ocorrida em sua sede urbana. O município agrega diversas cadeias produtivas agrícolas, que se impõem desde a oferta de insumos produtivos, a produção e transferência de produtos *in natura*, de unidades familiares de produção ao consumidor final. A circulação dessa produção respalda uma relação campo-cidade que se estende para além da escala local, com alcance até internacional, mediante o processo comercial. Diante disso, o presente trabalho analisa a centralidade regional do município de Itabaiana/SE na comercialização agrícola de Sergipe. Para tanto, partiu-se da seguinte indagação: Qual o impacto da comercialização agrícola para a centralidade regional de Itabaiana/SE? A pesquisa é de caráter empírico-analítica, com abordagem quali-quantitativa, valendo-se de levantamento bibliográfico e trabalho de campo. Os respectivos procedimentos validam o município de Itabaiana como maior centro de comercialização de agrícola de Sergipe, em sua forma atacadista e varejista, sendo sua sede um nó na rede urbana do estado. Os fluxos comerciais acarretados por esses, condicionam o enlace da relação campo-cidade em nível nacional, regional e principalmente local, ao tempo em que colaboraram na geração de rendas rurais-urbanas que passam a compor a economia municipal. Sendo assim, o município de Itabaiana consolida-se como uma centralidade regional, pelo aporte comercial agrícola e também pela oferta de serviços ligados às cadeias produtivas agrícolas e a outras atividades socioeconômicas.

Palavras-chave: Cadeia Produtiva, Comercialização, Produtos Agrícolas, Centralidade Regional.

ABSTRACT

The regional centrality of the municipality of Itabaiana/SE is glimpsed in the strong agricultural commercialization that occurs in its urban headquarters. The municipality aggregates several agricultural production chains, which impose themselves from the supply of productive inputs, to the production and transfer of fresh products, from family production units to the final consumer. The circulation of this production supports a country-city relationship that extends beyond the local scale, reaching even the international level, through the commercial process. In view of this, the present work analyzes the regional centrality of the municipality of Itabaiana/SE in the agricultural commercialization of Sergipe. For this purpose, the following question was posed: What is the impact of agricultural commercialization on the regional centrality of Itabaiana/SE? The research is of an empirical-analytical nature, with a qualitative-quantitative approach, using a bibliographical survey and fieldwork. The respective procedures validate the municipality of

¹ Parte de pesquisa desenvolvida em atividade de Estágio Pós-Doutoral.

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe - SE, dianamendoncadervalho@yahoo.com.br;

³ Doutor em Geografia Agrária pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP/Rio Claro - SP, oziolecosta@yahoo.com.br;



Itabaiana as the largest agricultural commercialization center in the State of Sergipe, in its wholesale and retail form, its headquarters being a node in the urban network of the state. The commercial fluxes brought by these, condition the linking of the relation field-city at national, regional and mainly local level, at the same time that they collaborated in the generation of rural-urban incomes that start to compose the municipal economy. Thus, the municipality of Itabaiana is consolidated as a regional centrality, by the agricultural commercial contribution and also by the offer of services related to the agricultural productive chains and other socioeconomic activities.

Keywords: Productive Chain, Commercialization, Agricultural Products, Regional Centrality.

INTRODUÇÃO

As transformações socioespaciais é um tema inerente a geografia, enquanto ciência que analisa a relação sociedade-natureza. Neste contexto, o espaço geográfico é o local produzido mediante trabalho e produção de mercadoria, condicionado por formas (conteúdos e significados) que representam as relações sociais do passado e do presente.

A promoção do desenvolvimento, de acordo com as transformações, é reflexo do somatório de aspectos sociais, políticos, culturais e ambientais, sinônimo de evolução do sistema social de produção, ocorrido mediante incentivos à industrialização, às características locais e à valorização de recursos próprios.

Na atualidade, o desenvolvimento das atividades agropecuárias se comunica com as demandas do mercado, perfazendo uma relação campo-cidade que se estende para além da escala local, mediante o processo comercial. No município de Itabaiana esse processo comercial é respaldado na transferência de produtos *in natura*, de unidades familiares de produção ao consumidor final. Todavia, esse processo não ocorre de forma direta, mas a partir de cadeias produtivas, que partem de negociantes de insumos agrícolas à agricultores, com a atuação de atores intermediários na transferência dos produtos demandados nos mercados locais e regionais, através de fixos, como Centrais de Abastecimento (CEASAS).

Diante disso, o presente trabalho analisa a centralidade regional do município de Itabaiana/SE na comercialização agrícola de Sergipe. Para tanto, partiu-se da seguinte indagação: Qual o impacto da comercialização agrícola para a centralidade regional de Itabaiana/SE?

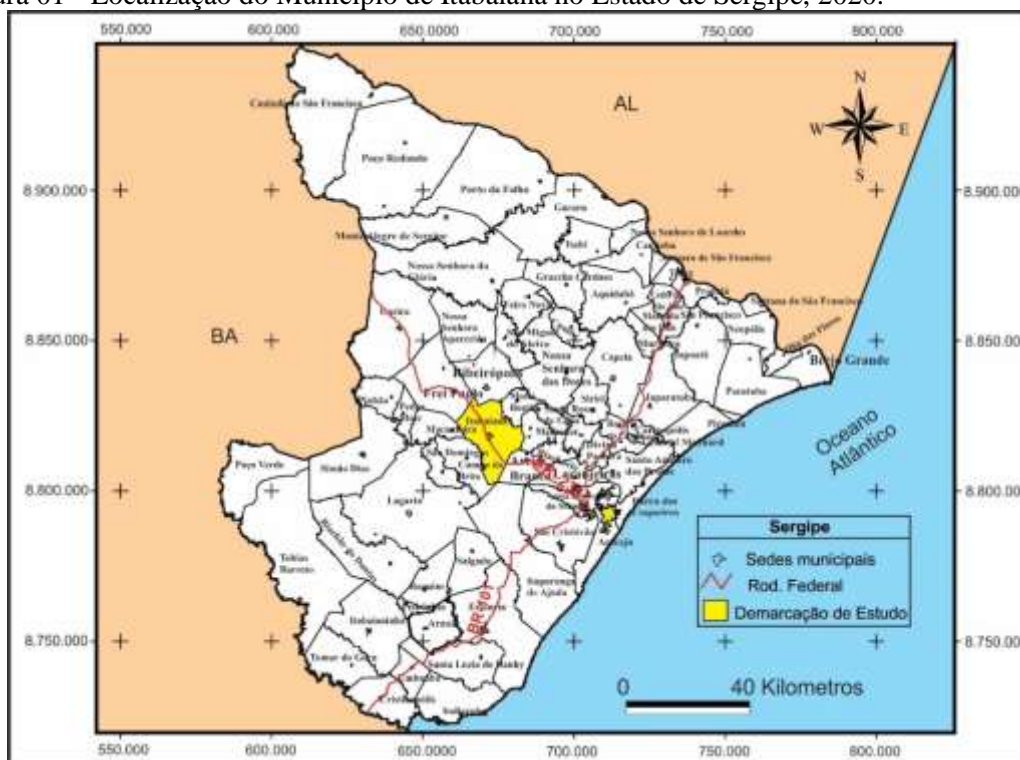
O mercado agrícola do município contribui para a sedimentação de funções urbano-econômicas, que o tornam referência de centralidade na oferta de diversos



segmentos. Sendo mais atrativo sobretudo nos dias de terças e quintas-feiras, quando o mercado atacadista de produtos agrícolas tende a trazer não só demandadores regionais por esses, mas também familiares em busca de novas opções de produtos e serviços.

O referido município está localizado na faixa centro-ocidental do estado de Sergipe, microrregião Agreste, com uma área de 336,6 km², constituindo-se em 1,54% do território sergipano. A sede municipal está a uma altitude de 188 metros e distando da capital Aracaju, 56 km, através da rodovia BR-235 (Figura 01). Os limites geográficos dessa possessão territorial estão circunscritos aos seguintes municípios: Areia Branca, Campo do Brito, Frei Paulo, Macambira, Malhador, Moita Bonita e Ribeirópolis.

Figura 01 - Localização do Município de Itabaiana no Estado de Sergipe, 2020.



Fonte: Base Cartográfica SEPALNTEC (2004).
Elaboração: Diana Mendonça de Carvalho (2020).

METODOLOGIA

A pesquisa tem caráter empírico-analítico, com abordagem quali e quantitativa, perpassando as seguintes etapas:

- Levantamento bibliográfico referente ao espaço geográfico, desenvolvimento e centralidade regional;



- Levantamento de dados secundários juntamente ao IBGE (2017) e a Secretaria de Agricultura do Município de Itabaiana;
- Realização de registro dos fatos, por meio de mapeamento, fotografias, tabelas e gráficos.
- Ainda no viés metodológico, faz-se necessário demarcar que termos comuns a fluxos de importação e exportação são utilizados para referendar o que entra e sai de mercadoria agrícola, mediante ação comercial atacadista, no Mercado de Hortifrutigranjeiros e ruas adjacentes do município de Itabaiana.

REFERENCIAL TEÓRICO

O espaço geográfico é reflexo da ação humana, mediante o trabalho e necessidades de sobrevivência. A evolução da relação homem e seu meio técnico possibilitou a manipulação da natureza, corroborando para a exploração de recursos, o desenvolvimento da agropecuária e a melhoria das condições de vida. Esse referencia o movimento de objetivos, vida e de capital ao longo do desenvolvimento histórico da sociedade. Por consequência, o espaço geográfico reúne materialidade que o dinamiza, sendo o homem, ser de ação, que por condição objetiva o (re) constrói. Logo,

[...] As ações humanas não se restringem aos indivíduos, incluindo, também, as empresas, as instituições. Mas os propósitos relativos às ações são realizados por meio dos indivíduos [...] As ações resultam de necessidades, naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas, é que conduzem os homens a agir e levam a funções. Essas funções, de uma forma ou de outra, vão desembocar nos objetos. Realizadas através de formas sociais, elas próprias conduzem à criação e ao uso dos objetos, formas geográficas. (SANTOS, 2009, p.82-83)

Diante disso, a sociedade organiza o espaço, diferenciando-o. Essa organização espacial ocorre mediante a integração entre fixos e fluxos, ou seja, entre a configuração territorial e as relações sociais. É por meio das interações homem-espaço que se define a lógica do desenvolvimento.

O desenvolvimento é uma construção da cultura ocidental, vinculado a cultura e a linguagem francesa, como reflexo do Renascimento, que reflete etimologicamente o sentido de “[...] desenrolar, esclarecer, destapar, descobrir, mas também de “alterar um movimento de propensão depressora ou até aniquiladora” (MORENO, 2007, p.17).



No Brasil, o desenvolvimento é analisado como sinônimo da evolução do sistema social de produção, que a partir da utilização de técnicas modernas eleva a produtividade (FURTADO, 1981). O uso desse termo com sentido de promoção do crescimento econômico foi implementado na década de 1950, por ação da mão do Estado na economia e também por condição comparativa em termos de atraso econômico em algumas regiões do mundo. Além disso, foi trabalhado no viés de planejamento econômico, setorial e centralizado no Estado e na ideia de equidade de território nacional.

Na década de 1970, o desenvolvimento se vinculou ao processo de globalização e a inserção espacial na economia mundial. Nesse momento, impunha-se no Brasil a fase do “milagre econômico”, que além da industrialização na região sudeste, edificava-se a modernização da economia agrícola do sul, as fronteiras agrícolas no centro-oeste e a exploração das reservas minerais na região norte, sobretudo no Pará.

Todavia, a noção de desenvolvimento se expandiu, e além de aspectos econômicos, deve incluir aspectos sociais e políticos, tendo a liberdade como meio, contribuindo para a sobrevivência dos indivíduos. Por esse contexto, os fins e os meios do desenvolvimento exigem que a perspectiva da liberdade seja colocada no centro da ação. As pessoas têm de ser vistas como seres ativos, mediante oportunidade, na conformação de seu próprio destino (SEN, 2000, p.71).

Sendo assim, o desenvolvimento quase sempre refletiu a perspectiva de crescimento econômico. Entretanto, nas últimas décadas incorporou além da economia, aspectos sociais e de qualidade de vida da população. As correlações desses aspectos refletem características de independência e corrobora para preocupações quanto ao aumento das liberdades individuais e de comprometimento social.

Na lógica do desenvolvimento econômico, a partir das relações de trabalho produtora de mercadorias, a centralidade de um município ocorre diante da hierarquia urbana, conforme preconizado por Christaller (1933). A centralidade urbana é avaliada a partir da diferenciação de cidades, como localidades centrais, por meio da distribuição de produtos industrializados e serviços. Essas localidades perfariam regiões homogêneas em termos econômicos, diante de uma hierarquia constituída de bens e serviços ofertados com demarcação espacial.

Por essa conjuntura, por mais que a centralidade esteja integrada ao viés econômico-industrial, ela não se dá exclusivamente por essas atividades. No município de Itabaiana, Sergipe, a centralidade é evidenciada diante da região e decorrendo de



aspectos socioculturais, expresso na força do povo trabalhador, no fato de ser a Capital Nacional do Caminhão e a “Cidade do ouro”; assim como na oferta de serviços e na conjugação de aspectos econômicos expressos na fabricação de carrocerias, no comércio varejista de secos e molhados, com destaque para a feira-livre, e especialmente na comercialização agrícola atacadista.

Deste modo, a análise da centralidade urbana dentro de uma região também conjuga a relação campo-cidade para se entender o papel da cidade como foco de distribuição de bens e serviços, como centro de atração e local de valorização fundiária. Essas localidades, dentro de países ditos subdesenvolvidos, se estruturam de acordo com o baixo nível de demanda, persistência de um setor agrícola e a mobilidade espacial em razão da demanda de bens e serviços de consumo (elevado número de pequenos centros, ausência de centros intermediários – baixo nível de demanda, e a metrópole regional “rica”); o aparecimento de mercados periódicos, “[...] núcleos de povoamento pequenos, vias de regra semi-rurais que periodicamente transforma-se em localidades centrais [...]” (CÔRREA, 1989, p30).

Nesta lógica, a relação campo-cidade é definida na produção do campo, que tende a ser negociada principalmente na cidade, mesmo passando por intermediação, quando se volta sobretudo ao consumidor final. Logo, a produção agrícola tende sobretudo, a corresponder as demandas do mercado urbano por alimentos. Tal relação, em diversas escalas espaciais, é evidenciada mediante fluxos de produtos agrícolas e contribuem na geração de renda nas economias rurais e urbanas, além de estimular a fixação de áreas econômicas especializadas na distribuição e comercialização dos produtos agrícolas, por vezes, através de fixos, como Centrais de Abastecimento (CEASAS).

Diante disso, a relação campo-cidade são construções socioespaciais distintas, contraditórias e específicas, correspondendo a materialização dos modos de vida, sendo ambos territórios econômicos-políticos, independentes e correlatos. Segundo Suzuki (2007), a partir da segunda metade do século XX, essa relação ganhou novas dinâmicas (econômicas, sociais, culturais e políticas), constituindo-se formas concretas que se materializaram nas paisagens construídas pelo homem.

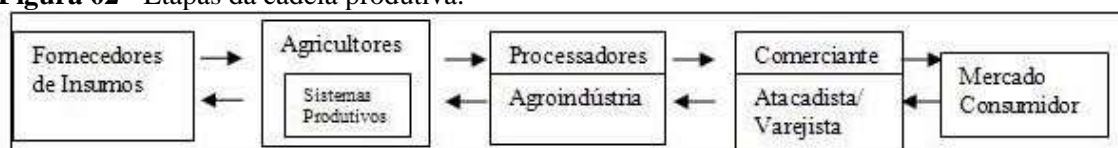
Da relação campo-cidade, sobretudo mediante a comercialização agrícola, é que se define uma relação de continuidade entre ambos espaços que corrobora para a edificação de centralidades urbano-regionais.



A comercialização agrícola expressa o momento em que a produção agropecuária assume a condição de mercadoria. A comercialização agrícola agrega complexidades diante das imposições do sistema capitalista, com reflexos na forma de integração aos mercados, compreendendo segmentos sociais e setores comerciais que se apropriam da produção e impõem metas de quantidade e de qualidade. O processo comercial é refém de cadeias produtivas, que se estendem ou encolhem conforme a demanda por produtos, diferindo no tempo, no espaço e no quantitativo de atores envolvidos na interação produtor-consumidor.

A interação produtor-consumidor perpassa uma cadeia produtiva que envolve diversos atores sociais, entre os quais: 1-fornecedores de implementos agrícolas e tecnológicos; 2- agricultores, que ao trabalhar a terra produzem alimentos; 3- processadores, enquanto agroindústrias que transformam os produtos *in-natura*; 4- comerciantes, atuantes na forma atacadista, tendo por função distribuir as mercadorias para postos de venda, e na forma varejista, comercializando o produto para o consumidor final; e 5- o mercado consumidor, ponto final do processo de comercialização. Tal processo fundamenta a subdivisão da cadeia produtiva agrícola, em várias etapas, até chegar ao mercado consumidor final (figura 02):

Figura 02 - Etapas da cadeia produtiva.



Fonte: SILVA, 2005, p.01.

Essas fases envolvem especificidades quando da reunião, interação e dispersão de bens, serviços e produtos, ao preparar fluxos de atividades relacionadas à produção e comercialização agrícola, com impacto espacial.

Sendo assim, a comercialização agrícola reflete a transferência da produção do local de origem aos consumidores finais. Esse processo permeia toda conjuntura comercial, pois compreende “[...] todas as atividades, funções e instituições necessárias à transferência de bens e serviços dos locais de produção aos de consumo” (STEELE, 1971, p.23). A negociação agrícola abrange práticas que resultam “[...] na transformação dos bens, mediante utilização de recursos produtivos – capital e trabalho - que atuam sobre a matéria-prima agrícola” (BARROS, 2007, p.01).



Diante de tudo isso, faz-se expor que desenvolvimento e centralidade espacial se conjugam pelo viés econômico e pela integração Estado-sociedade. Tais aspectos têm sido muito evidenciados no Município de Itabaiana, que agrega centralidade urbana, na questão de oferta e demanda por determinados produtos (CARVALHO, 2009), mas também, centralidade agrícola, no que tange a produção de determinados itens e na comercialização de uma diversidade de itens que sobrepõe a ação produtiva do município, configurando a sua sede como maior centro de comercialização de hortifrutigranjeiros do Estado de Sergipe (CARVALHO, 2010).

IV RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comercialização agrícola é uma atividade complexa dentre aquelas que envolvem as etapas da cadeia produtiva da agricultura, pois abrange diversos segmentos que se apropriam da produção até chegar ao consumidor final. Esse processo é fortemente visualizado no município de Itabaiana, que se define semanalmente como centro de negociação agrícola, vinculado à produção local, regional, nacional e internacional.

O comércio atacadista agrícola de Itabaiana se concentra sobretudo no Mercado de Hortifrutigranjeiros e adjacências, com uma diversidade de produtos que é incomum para outros centros, cuja procedência é um tanto variável e posta para as demandas de intermediários sergipanos, baianos e alagoanos, que promoverão a chegada do produto ao consumidor final (Figura 03).

Figura 03- Mercado de Hortifrutigranjeiros de Itabaiana, 2021



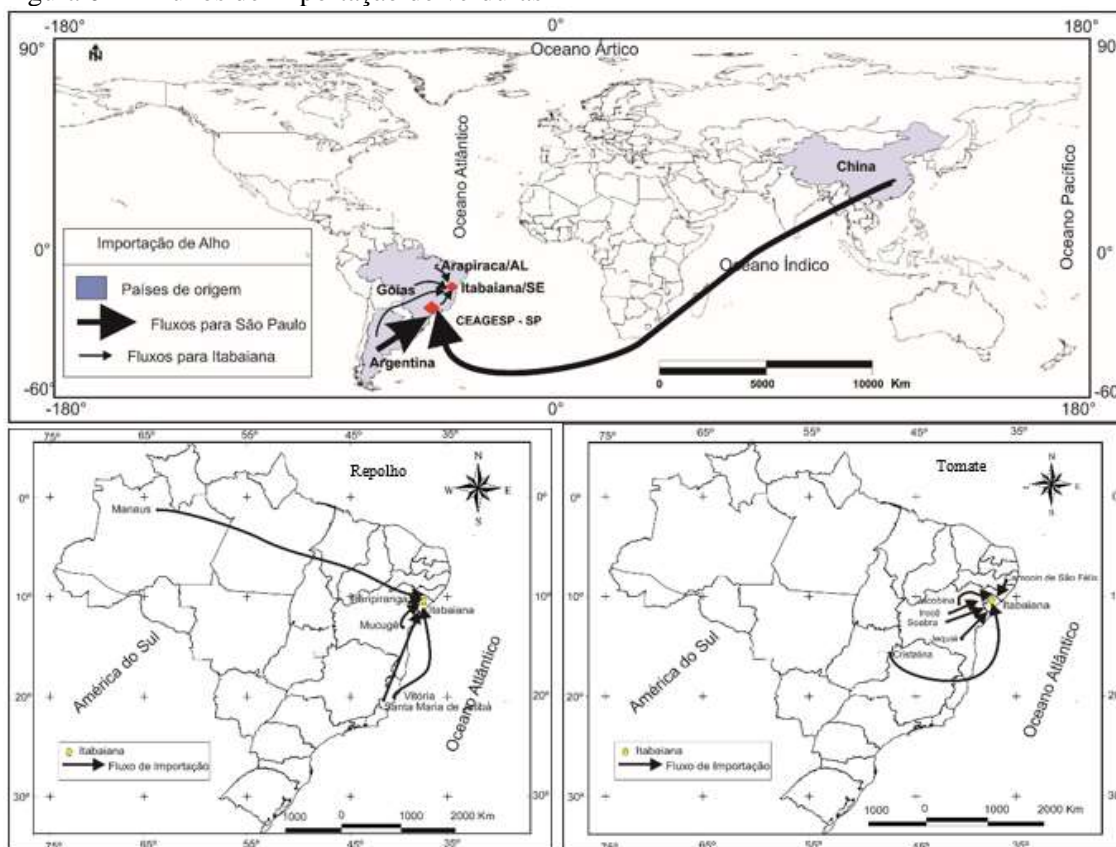
Fonte: Trabalho de Campo.



O fluxo comercial agrícola é controlado em Itabaiana por aproximadamente 200 atacadistas atuantes somente dentro do Mercado de Hortifrutigranjeiros (“Mercadão”) com verduras, desconsiderando os comerciantes no Largo José do Prado Franco, cujo quantitativo é difícil de precisar, no repasse de frutas, sobretudo. Esses duzentos atacadistas têm comercializado por estimativa, cerca de 1 milhão de toneladas de verduras, sobretudo importadas, visualizada pela procedência dos caminhões, com placas locais e de outras unidades federativas.

Para se ter ideia da grandiosidade do comércio agrícola promovido pelo itabaianense, a maior parte das verduras comercializadas advém de Minas Gerais, Bahia, Goiás e São Paulo. Aspecto evidenciado na importação de tomate, repolho e alho (Figura 04). Esse último com escala até internacional e extenso processo de intermediação, sendo que os atacadistas itabaianenses negociam diretamente com comerciantes da Central de Abastecimento de São Paulo (CEAGESP).

Figura 04 – Fluxos de importação de verduras

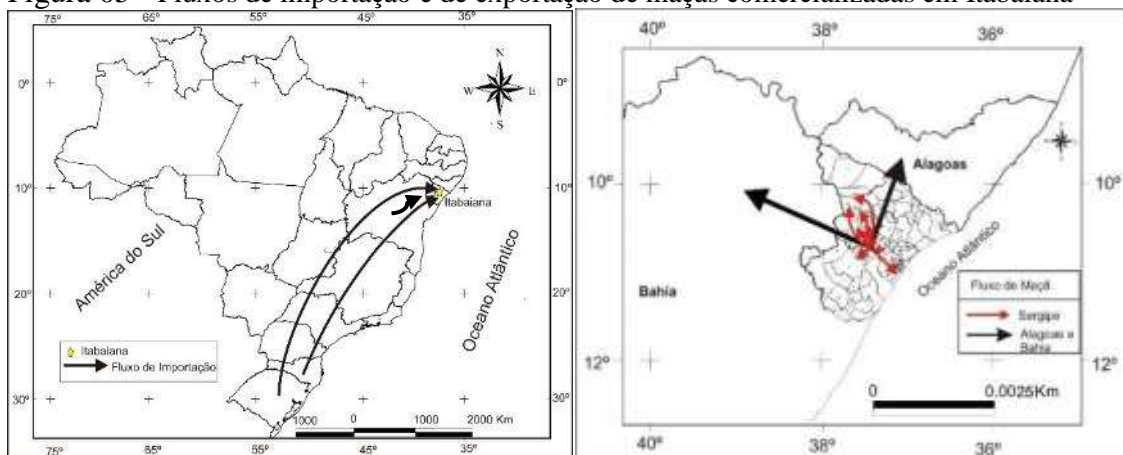


Fonte: Pesquisa de Campo.



Em termos de frutas, a maior parte das comercializadas em Itabaiana provêm de municípios Sergipanos, da Bahia e de Pernambuco, sobretudo dos perímetros irrigados de Juazeiros e Petrolina, além de áreas da Chapada Diamantina (BA). Contudo, não se pode desconsiderar a demanda por frutas de clima temperado que vem da região sul do Brasil e mesmo de países como Argentina e Chile, caso da maçã, intermediada por ator sulista com câmara frigorífica dentro do Mercado de Itabaiana (Figura 05). Sendo toda aquisição disponibilizada aos comerciantes varejista para negociação em feiras municipais do estado de Sergipe e de cidades baianas próximas, como Coronel João Sá, Paripiranga, Geremoabo, Rio Real e Paulo Afonso (BA), além de feiras dos municípios do sul e sudoeste alagoano.

Figura 05 - Fluxos de importação e de exportação de maçãs comercializadas em Itabaiana



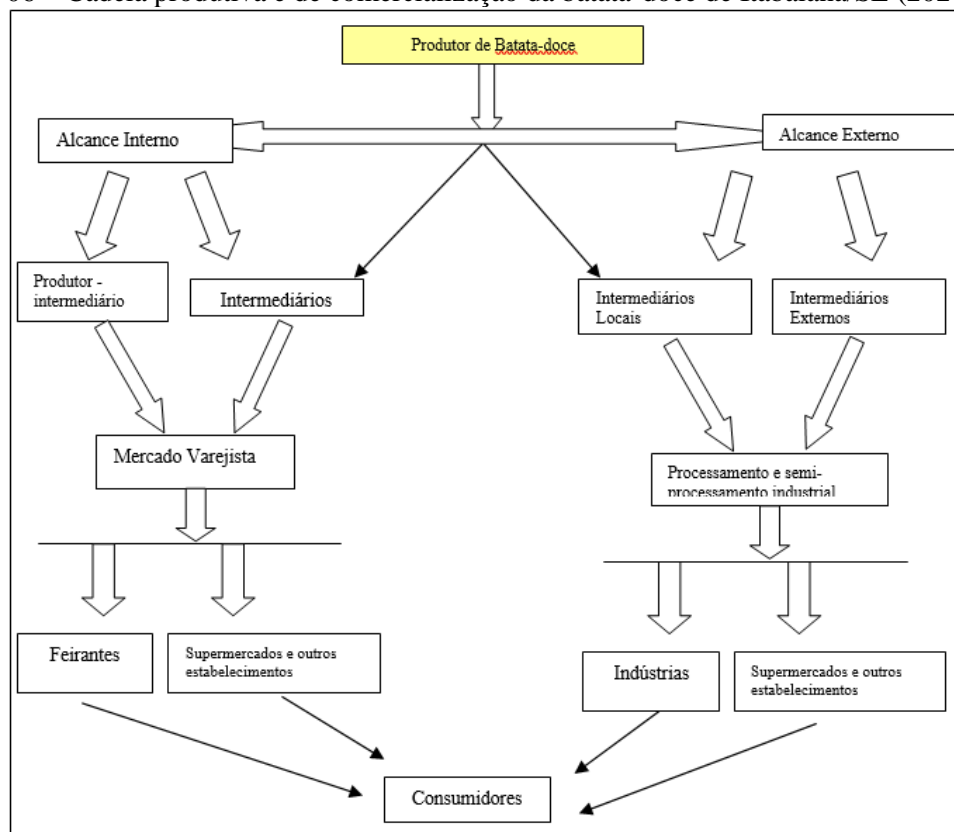
Fonte: Pesquisa de Campo.

As raízes comercializadas procedem de municípios sergipanos, baianos, alagoanos, paulistas e por vezes, do estado de Rondônia. Desse último, procede o inhame, cuja produção local não atende a demanda anual, necessitando de importação comercial. Essa cadeia de comercialização se inicia com a obtenção do inhame por grande intermediário-atacadista de Itabaiana junto a produtores ou pequenos intermediários urbanos de Porto Velho, sobretudo. O próprio intermediário de Itabaiana realiza o transporte do produto até o Mercado de Hortifrutigranjeiros, onde efetua a sua distribuição junto a outros atacadistas e mesmo feirantes. Sem desconsiderar, que esses médios atacadistas também compram o produto junto aos agricultores locais, no período de safra microrregional.



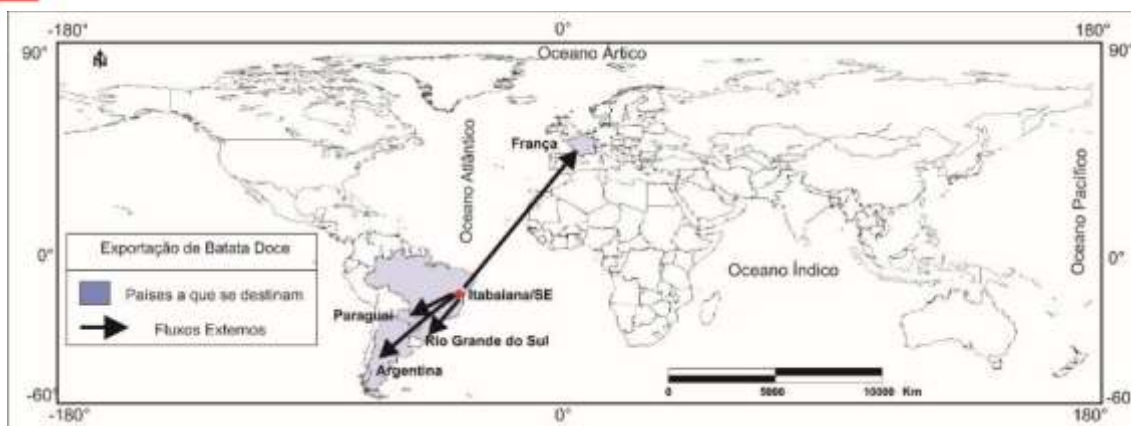
Outro destaque comercial de Itabaiana é focalizado na batata-doce, que agrega desde toda a cadeia produtiva à cadeia de comercialização (Figura 06). O município de Itabaiana produz 23.080 toneladas, que perfaz 56,5% da produção sergipana (IBGE/SIDRA, 2017), cuja comercialização pode ocorrer na porteira da roça para intermediários ou encaminhada pelo próprio agricultor para o Mercado de Hortifrutigranjeiro de Itabaiana. De toda forma, à presença de intermediário no local de produção, no mercado de Itabaiana e no momento da exportação é comum, haja vista, os mercados a serem destinados, sobretudo na região Nordeste, São Paulo e Rio Grande do Sul, além do mercado estrangeiro, a exemplo da Argentina, Paraguai e por vezes a França, requerer receptadores do produto comercializado (Figura 07).

Figura 06 – Cadeia produtiva e de comercialização da batata-doce de Itabaiana/SE (2021)



Fonte: Pesquisa de Campo.

Figura 07- Fluxo de Exportação da Batata-doce comercializada em Itabaiana (2021)

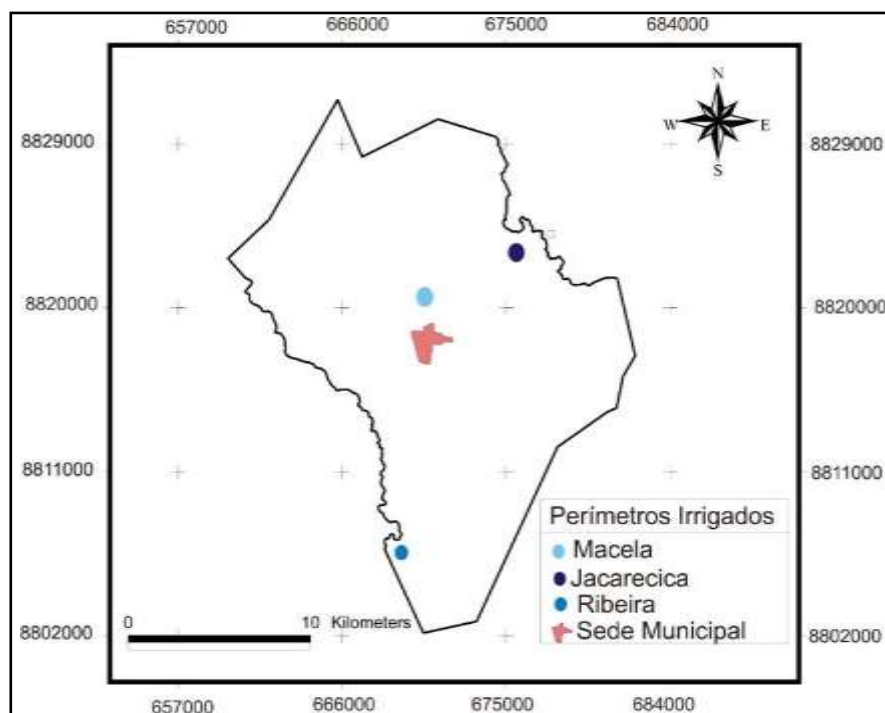


Fonte: Trabalho de campo.

O que remete ao comércio de animais-carnes, a maior parte dimana de municípios sergipanos, a exemplo da área sertaneja e atende a toda demanda regional, em virtude da presença de frigoríficos especializados no abate, tratamento e corte para a comercialização de vários animais na forma varejista. Enquanto que os galináceos procedem da microrregião; mas também costumam provir de municípios alagoanos e pernambucanos.

Diante dessa conjectura, observa-se que a centralidade comercial agrícola de Itabaiana também é reflexo de seu aporte produtivo, sedimentado via políticas públicas, que a partir da década de 1950, promoveu a instalação de áreas irrigantes e utilização de poços tubulares. Itabaiana agrega três espaços, definidos como perímetros irrigados, que produz e comercializa hortaliças, folhagens (alface, coentro, cebolinha, etc.) e raízes (Figura 08).

Figura 08 – Área de Irrigação em Itabaiana (2021)



Fonte: Trabalho de campo.

As hortaliças e folhagens produzidas nessas áreas tem mercado garantido na comercialização atacadista e varejista em nível local, regional, estadual e nos estados circunvizinhos, sendo a capital baiana a que recebe mais folhagens, sobretudo coentro, do município de Itabaiana. Esses produtos são frágeis e por isso, não agregam maiores alcances, sendo sua comercialização diária. Deste modo, a produção e comercialização das folhagens atende principalmente a municípios do Sertão Sergipano, além da capital e também municípios baianos (Coronel João Sá, Paripiranga, Juazeiro, Geremoabo, Ribeira do Pombal, etc.) e alagoanos (Arapiraca, Delmiro Gouveia, entre outros.).

Outros aspectos que sedimentam a centralidade comercial agrícola em Itabaiana, é: 1-O município agregar grande frota de caminhões que contribuem para a forte circulação de mercadorias; 2- Identidade cultural do itabaianense com o comércio; e 3- A feira livre do município, com histórico demarcado desde o Brasil Colonial.

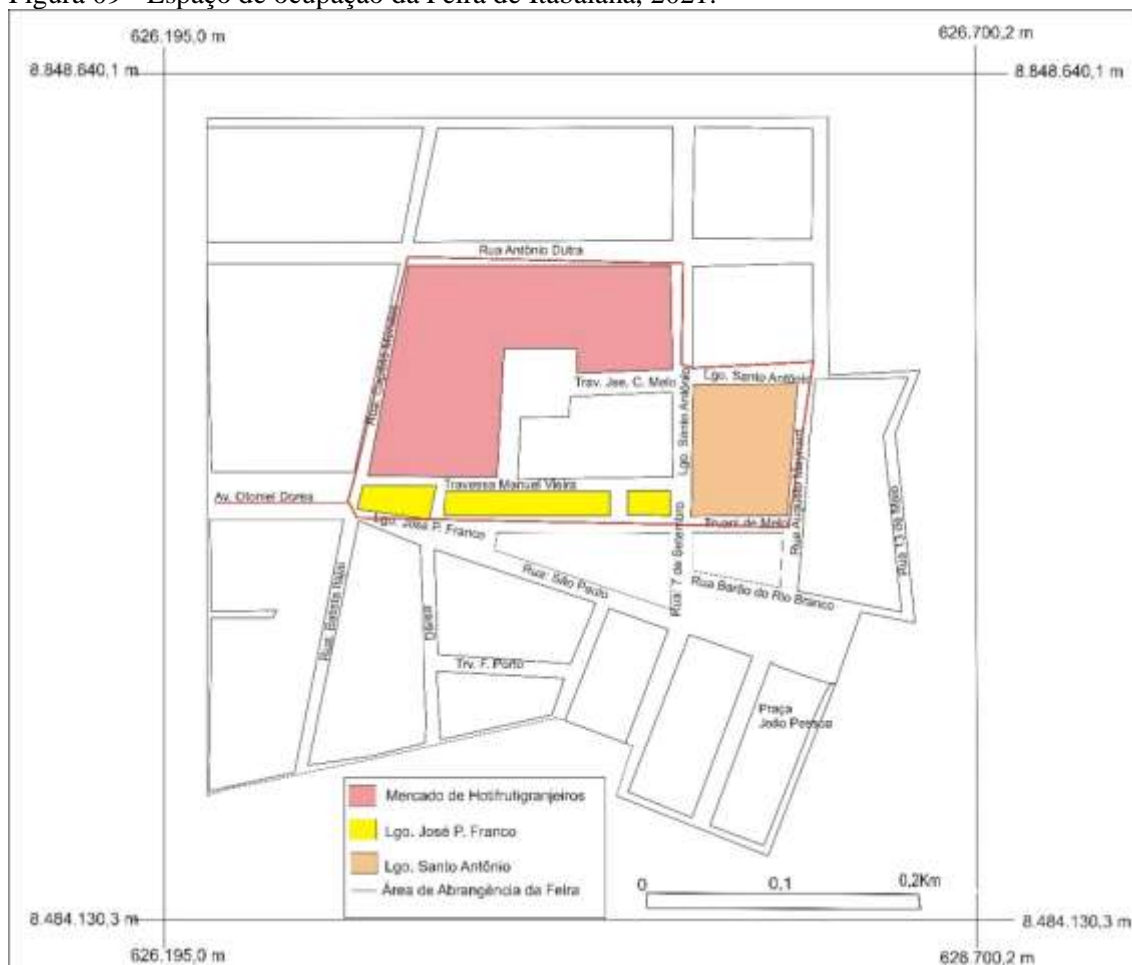
A feira de Itabaiana é a maior expressão de comércio varejista e cultura a céu aberto do Estado de Sergipe. A função dessa feira ultrapassa os limites geográficos, em termos de abastecimento, pois pelo fluxo de pessoas, mesmo nesse momento pandêmico, atraídas de todo o estado e de municípios baianos e alagoanos, que buscam no município não só alimentos, mas a oferta de outros serviços.



Essa feira ocorre tanto aos sábados quanto as quartas-feiras, sendo constituída por 1.969 bancas que comercializam os mais variados produtos, sendo que 1.169 (59,3% do total) são utilizadas na comercialização agrícola, considerando as bancas de peixe e de carne nos dois mercados localizados no Largo José do Prado Franco e Santo Antônio.

A feira se estende por uma área de aproximadamente 5 km² no centro comercial da cidade, abrangendo os largos comerciais, Mercado de Hortifrutigranjeiros e ruas adjacentes como, Capitão Mendez, Av. Otoniel Dórea e Travessas Manuel Vieira, José da Cunha Melo e Francisco Porto (Figura 09). Nessas áreas são armadas bancas padronizadas, onde os feirantes comercializam produtos agrícolas, artesanais e industrializados (roupas, calçados e utensílios de moda).

Figura 09 - Espaço de ocupação da Feira de Itabaiana, 2021.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2021. (Base Cartográfica da Secretaria de Obras, Urbanismo, Infraestrutura e dos Serviços Públicos, 2021.).

Nessa logística, a realidade comercial de Itabaiana se faz desafiadora, pois estando o mercado atacadista e varejista fortemente no Mercado de Hortifrutigranjeiros,



concentrado no centro urbano da cidade e circunscrito a ruas estreitas, reque espaços para aporte e desembarque de mercadorias, haja vista semanalmente comportar cerca de 400 caminhões advindos das mais variadas partes do país, sem desconsiderar os próprios, com tempo de desembarque de mercadoria estabelecido em duas horas.

Essa centralidade comercial agrícola induziu as instâncias governamentais na consolidação de um fixo ainda maior, na perspectiva de corresponder a demanda do segmento: A Central de Abastecimento (CEASA de Itabaiana), inaugurada em março de 2021 (Figura 10). Contudo, a obra não condiz com a realidade comercial dos atacadistas itabaianenses, pois as áreas postas à disposição são pequenas, além da falta de logística para o (des) embarque de mercadorias em caminhões e dos valores que estão sendo cobrados por ponto comercial, que são incomuns a CEASA de Aracaju e mesmo a maior Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP). Essas condições têm inviabilizado o funcionamento da central, e desacreditado sua finalidade socioeconômica no município de Itabaiana.

Figura 10 – CEASA de Itabaiana, 2021.



Fonte: Trabalho de Campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Itabaiana é o maior centro atacadista de distribuição agrícola do Estado de Sergipe, desempenhando a função de nó na rede urbana do estado e dentro da relação campo-cidade estabelecida. A comercialização ocorre durante toda a semana, mas se apresenta mais intensa às terças e quintas-feiras, quando as práticas se expandem por



aproximadamente 10 km² do centro econômico da cidade, entre os largos José do Prado Franco, Largo Santo Antônio e ruas adjacentes ao Mercado de hortifrutigranjeiros, em função da atuação dos intermediários-atacadistas.

Os fluxos comerciais acarretados por esses produtos agrícolas incitam o enlace da relação campo-cidade em nível nacional, regional e principalmente local, ao tempo em que colaboraram na geração de rendas rurais-urbanas que passam a compor a economia municipal. Pelo movimento de caminhões e de mercadorias, a cidade de Itabaiana consolida-se como maior mercado atacadista do estado de Sergipe, competindo, em termos de atração comercial, com os maiores mercados atacadistas do Nordeste, a exemplo de Salvador, Recife e Juazeiro.

Diante disso, o município de Itabaiana consolida-se como uma centralidade regional, pelo aporte comercial agrícola e também pela oferta de outros serviços agregados às cadeias produtivas agrícolas e a outras atividades socioeconômicas. O comércio agrícola traz ao município negociantes de várias partes do estado de Sergipe, assim como do nordeste baiano e noroeste alagoano, além de trazer consigo familiares que vem atraídos por outras ofertas, a exemplo de serviços médico-hospitalares, educacionais e pelo próprio comércio local.

REFERÊNCIAS

BARROS, G. S. A. de C. Economia da Comercialização Agrícola. Piracicaba/SP: **ESALQ**, LES, CEPEA, 2007. Disponível em <http://www.cepea.esalq.usp.br/pdf/1_economia_comercializacao_agricola.pdf>. Acesso em 08 de dezembro de 2008.

CARVALHO, D. M. de. **Comercialização de Hortifrutigranjeiros em Itabaiana-SE**. São Cristóvão: PPGEQ, 2010. (Dissertação de Mestrado).

_____. **A Centralidade Urbana de Itabaiana/SE: Uma Análise Contemporânea**. Monografia de Bacharelado em Geografia. São Cristóvão: Departamento de Geografia, DGE/UFS, 2009.

CORRÊA, R. L. **Espaço Urbano**. São Paulo, editora Ática, 1989.

FURTADO, C. **Pequena Introdução ao Desenvolvimento: Enfoque Interdisciplinar**. São Paulo: Ed. Nacional, 1981.

HESPANHOL, A. N. O Desenvolvimento do Campo no Brasil. In: FERNANDES, B. M.; MARQUES, M. I. M.; e SUZUKI, J. C. (Orgs.). **Geografia Agrária: Teoria e Poder**. 1ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2007.



MORENO, L. M. C. **Desenvolvimento Territorial - de um sentido ocidental às orientações coesivas para um meio rural inovador: Caminhos e Caminhantes.** Lisboa, 2007. Universidade de Lisboa, FLUL.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4ª Ed. Reimp. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2009.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, L. C. da. **Cadeia Produtiva de Produtos Agrícolas.** Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Departamento de Engenharia Rural. Boletim Técnico. Mato Grosso do Sul: 01/05 em 21/04/2005. Disponível em: <<http://www.agais.com/ms0105.pdf>>. Acesso em 25 de novembro de 2008.

STEELE, H. L.; FILHO, F. M. V. & WELSH, R. S. **Comercialização agrícola.** 1ª Ed. São Paulo: 1971.